

OS “CANTOS DO INTERIOR”: O SERTÃO NA PALAVRA E A PALAVRA NO SERTÃO

Margarida do Amaral Silva – UFG/UCG¹

Resumo

Através da análise de questões que permeiam a representação do sertão brasileiro, este estudo tem enfoque para o uso da “palavra nos cantos do interior”. Assim, com referencial bibliográfico multilateral, pretende-se compor uma reflexão que parta da “palavra literária” para também vislumbrar o universo espaço-temporal que margeia o sertão grafado na literatura, por meio de vias antropológicas, sociais e históricas.

Palavras-chave: Sertão; Espaço-tempo; Uso da palavra.

Introdução

É bem verdade que existem múltiplas realidades evocadas (por olhares diversificados) quando enredos são contados e ouvidos, afinal, tudo depende de “uma outra história”. A construção do pensamento literário, histórico-antropológico e/ou sócio-cultural também se fundamenta numa tentativa de se caracterizar as categorias que margeiam o espaço, a sociedade e o tempo nos quais estão (i)mersos os indivíduos. E, na pretensão de transcender as barreiras de observações e conceituações empíricas, o ser humano, há muito, vem buscando compreender como são realizadas as atividades psicolinguísticas, históricas e sócio-culturais que produzem o aparecimento do que se denomina cultura.

Segundo Geertz (1989, p. 46) “o ponto crítico do aparecimento da cultura, foi um tipo de ocorrência súbita, ‘tudo-ou-nada’, na filogenia dos primatas, cujos antecessores não estavam dispostos a comunicar-se, a aprender e a ensinar”. Em outras palavras, diz-se que os procedimentos de generalização, feitos a partir de uma cadeia interminável de comportamentos (verbais ou não), geraram o uso de capacidades novas assumidas devido às alterações genéticas que foram se procedendo.

Entende-se, porém, que há algumas outras teorias que foram formuladas de modo a conceber noções ou postulados sobre o surgimento de “premissas culturais” entre os povos. Mas, de modo bastante pontual, o que está em voga é que o sentido da vida dos homens, comumente, é perpetuado na medida em que o registro histórico de uma vida está baseado em fontes informativas que geram ‘boas histórias para se contar’.

Para Câmara Cascudo (1978 *apud* MELLO, 1987, p. 452), “o homem começou realmente a falar há uns 72.000 anos”. Segundo este autor, devido à necessidade de intercâmbio informacional entre membros de comunidades humanas, a fala passou a ser, sobretudo, um sistema de representação e difusão de cultura, e nela estão embutidas formas materiais e imateriais de expressão dos indivíduos.

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da língua em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramaticalmente que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e ó na massa ela existe de modo completo. Então, quando nos tornamos capazes e motivados a nos posicionar como ‘emissores’ e ‘receptores’ de informações - em geral, submetidas às sensações, aos pensamentos, às emoções e perspectivas, individuais e coletivas dos seres -, deu-se início a “acumulação que é a cultura” (SAUSSURRE, 1972 *apud* MELLO, 1987, p. 457).

De modo geral, é possível afirmar que, no decorrer da história humana, foram as narrativas - os enredos populares - que deram o amplo sentido de que careciam as construções simbólicas realizadas no dia-a-dia. Por conseqüência, acabaram justificados (pela palavra) atos e padrões de comportamento, ‘visões de mundo’, (pre)conceitos, relações afetivas com o ‘outro’. Enfim, os “falares humanos” passaram a fundamentar práticas culturais para a vida que foi (ou é) vivida, de modo a pôr em evidencia a variedade de expressões individuais-coletivas e, por esta via, suas respectivas formas de representação de mundo, configuradas em um tempo e espaço específicos.

Por esta via, o “sertão”, dentre tantas outras estruturas que possuem representação espacial e imagética,² é aqui disposto enquanto “uma síntese do pensamento social brasileiro” (NEVES, 2003, p. 156). O que entra em evidência é que o sertão tem se (i)materializado, ora como “lugar de reprodução de uma ordem social estabelecida”, ou ainda como um particular “habitat social, na relação estreita entre natureza e sociedade”.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso viveu seu cristo-jesus, arreado do arrocho de autoridade. [...]. *O sertão está em toda parte* (ROSA, 2000 *apud* OLIVEIRA FILHO, 2006, p. 41, grifo nosso).

E, neste contexto analítico, a categoria sertão - designada pela palavra que “está em toda parte”, conforme expressão célebre de Guimarães Rosa -, possui um enfoque nos elementos constitutivos de sua denotação. Assim, ao demarcar, enquanto categoria alegórica, um espaço-tempo definido, o sertão fica em exposição como detentor de traços legítimos das diversas expressões identitárias do território brasileiro.

Assim, de modo mais específico, a visão de um “sertão” deserto, longínquo e representativo do “nada imagético e simbólico”, ganha ênfase neste contexto enquanto o “interior”, o distante, o desabitado e o vasto e esquecido mundo-sertão, que se assenta na ampla literatura nacional. O que se fala aqui é de um “universo com outros universos”. Por esta premissa, pode-se conceber que o sujeito integrado ao território “espaço-tempo” sertanejo remete, a princípio, o imaginário sociolingüístico e literário às formas de expressão, pela palavra, do universo humano que se apresenta pelo emprego de recortes vocabulares e expressões. Então, tende-se a, geralmente, singularizar hábitos,³ demarcando origens (através de rastros contidos na memória de sociedades).⁴

E a vasta literatura nacional, via de regra, buscou evidenciar que as representações da “imagem-sertão” se compõem e reiteram, segundo o pensamento de Bachelard (2005), a existência plural de uma imagem poética e sua repercussão, que ocorre pela difusão da palavra. Aliás, em literatura, como em quaisquer outras formas de manifestação de idéias pela “palavra-imagem”, a liberdade de uso da palavra supostamente pode se conduzir ao perfazer de “jogos da fantasia”.⁵ No entendimento bachelardiano, “a liberdade não aumenta a linguagem e não tira a linguagem de seu papel utilitário, são realmente ‘jogos’, e a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade, abrindo-nos para o futuro” (Ibidem, p. 17 *et. seq.*).

Devido ao que se concebe como imaginação ou imaginário, sublimado pela “palavra que está em toda parte”, os espaços são louvados, discutidos, percorridos, relativizados. É como dizer que “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente à mensuração e à reflexão do geômetra, é um espaço vivido, pois no reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado” (BACHELARD, *op. cit.*, p. 19).

Portanto, neste estudo, toma-se como foco as “narrativas literárias” associadas à categoria “sertão” e, em especial, as que se configuram enquanto produtos dos “interiores sertanejos”, pois correspondem ao produto do olhar peculiar sobre os territórios que são compêndios de sentidos de um dito “vazio brasileiro”. Então, o sertão pela palavra, aqui - por abarcar a visão de que as práticas culturais do indivíduo são

semeadas pelos espaços-tempos - torna-se fator que agrega sentidos do existir e do perceber o espaço (i)material em que se configuram homens e coisas.

1. O sertão-palavra nos “cantos do interior”

Para Souza (1997), existem condições que remetem o sertão a se formatar como paisagem (i)material. Há, por isso, o “sertão-geografia” e o “sertão-sociedade”. Nesse sentido, Roncari (2006) caracteriza o sertão enquanto “espaço móvel”, pois não é “um lugar definido”. Em outra vertente, para Pimentel (2006), este termo tem sido definido ambigualmente como “sertão-coisa” – uma lógica espacial concreta e palpável – e como “sertão-idéia” – uma categoria de entendimento (noção atribuída por Émile Durkheim).

O sertão também vem sendo recortado como elemento de uma totalidade que se situa num outro lugar propriamente falando, distanciado de tudo (o contraponto ainda é feito por oposição) e em todos os sentidos possíveis. Há o sentido *espacial* – o sertão é o interior longínquo e despovoado, ou povoado por um raça mestiça, ou o *locus amoenus* das bucólicas greco-romanas; o sentido *econômico* – o sertão mantém uma economia distante da economia da metrópole e do litoral, agrária e subdesenvolvida em face da economia industrial e mais desenvolvida da metrópole; o sentido *social* – o sertão mantém outro tipo de associação de membros, uma associação mais comunitária, outro de usos e costumes; a aliança *sociopolítica* – o poder dos coronéis, o desvalimento dos camaradas, a luta social dos estados periféricos; o sentido *psicossocial*, na perspectiva da antropologia – o sertão detém um universo psíquico mais ritualizado, com formas de pensamentos mais míticas e agônicas; o sentido *histórico* – o sertão detém a chave de nossa origem histórica típica e genuína, a partir das entradas e bandeiras, por exemplo, e o sentido do *imaginário* propriamente falando – quando o sertão avulta como local de vida heróica ou trágica, de vida salutar e genuína, ou de vida identitária. E outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica, ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista etc. (VICENTINI, 2007, p. 189, grifo da autora).

Nesse tocante, alguns “cantos do interior” do Brasil, os sertões-palavra, concebidos aqui-e-ali, condensam significados, sendo tomados como um território de pessoas e lugares, pois, desprendem características para evidenciar e definir os grupos sociais que os compõem. São lançadas, assim, num mundo de coisas tangíveis, representações que consolidam a identidade cultural e a memória das gentes de muitos “cantos” brasileiros.

Como o sertão, os sertanejos residentes nas palavras de si e dos “outros”, sobretudo, fazem-se materializados em recortes que a linguagem estrutura como compêndio de práticas situadas em patrimônios culturais, ⁶ nos interiores do território-

Brasil. Assim, o sertão, ao passo que se apresenta como “lugar de memória”, pode designar também o ambiente espaço-temporal a partir do qual, em alguns momentos, “apreendemos essencialmente nossas diferenças e a imagem do que não somos mais” (AUGÉ, 2005, p. 53) ou, por vezes, daquilo que ainda somos.

E a riqueza circulou, andando por aí, nas enormes boiadas, com o capataz vigilante, ora na culatra, ora na cabeceira, dando ordens. O conforto do litoral e as trocas internas se fizeram no lombo dos muars, que, grupados em lotes pela cor do pêlo, iam mostrando a prosperidade do sertão, levados pelos arrieiros, senhores dos caminhos e da técnica de transportar, em lombo de burro, tanto o muito pesado quanto o mais delicado e frágil (TELES in RAMOS, 1998, p. 14, grifo nosso).

E, se a palavra imortaliza e garimpa sentidos amplos nos “falares humanos”, formal e informalmente, esta tende, especialmente no contexto brasileiro, a refletir uma contínua dedicação de muitos homens, espalhados pelos cantos da Nação, a consolidarem valores coletivos por práticas culturais “interioranas”. É no amplo campo semântico residentes na memória de toda uma gente que, através de “cantos e palavras”, a ação do homem, pautada no labor diário,⁷ se consagra como meio de exercer a sistematização simbólica do que se exprime como cultura popular.⁸ Portanto, também é pelas manifestações daqueles que cristalizam, no signo,⁹ as suas verdades pelos cantos, que o sertão se compõe. “Esta terra vermelha. Terra vermelha. Terra. Encharcada de vida. Úmida de esperança. Fofa de amor. Depositária de origens. A saudade se imprime em cada rastro meu”.¹⁰

O que ocorre é que, no plano da linguagem, o sujeito utiliza a essência da idéias de que é produto/produtor cultural, sendo capaz de demonstrar uma realidade específica pelos comportamentos (usos e costumes) recorrentes nos enredos que são contados. Daí, questões associadas à alteridade,¹¹ ou à busca da unidade diversa entre as vozes que falam, ressignificam o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento: são demarcados os tempos, os espaços, os fenômenos socioculturais, realizando-se a constante configuração dos conceitos que residem nas práticas do cotidiano.

Então, a palavra que designa sertões e sertanejos, particularmente, emerge também como sendo uma “face da questão da alteridade/colonização” (VICENTINI, 1998, p. 47), uma vez que a expressão verbal é apresentada, não raramente, como um instrumento para compor a imagem “da intimidade do sertão que não se desvelou ainda” ou, também, “do homem sertanejo que permaneceu em total obscuridade”. A

linguagem, entretanto, é capaz de veicular o arquétipo e o multilateral: ela se perfaz como catalizador de “olhares mudos” pelos cantos do Brasil.

E a literatura, para tanto, seria a materialização de tais olhares classificatórios de mundos pela produção ficcional que reflete passado e futuro por linhas carregadas de “impressões” de um tempo e um lugar.

Na teia dos debates, a primeira opção constitui-se na oportunidade de participação do historiador na operação averiguadora dos elementos sociais ao mesmo tempo motivadores e constitutivos do enredo ficcional. Nesse sentido, o condicionamento histórico-social, que inicialmente poderia ser percebido como um fator externo à produção ficcional, ganha sentido de elemento interno à peça literária, já que é condicionador de sua própria tecitura e ponto fundamental para o convencimento do público leitor a plausibilidade do que é narrado [...]. *Propõe-se que o historiador entenda a literatura como um possível convite para a reflexão sobre o passado* (BERTOLLI FILHO, 2000 *apud* VALENTE, 2004, 394, grifo nosso).

Portanto, o sertão também brota da palavra, ganhando sentido por preencher lacunas e campos de sentido, nos quais o homem habita. No signo, porém, há a insistência de se criar elementos para fazê-lo se manifestar, ganhando aparência e essência como instância de análise da verdade e da distorção sertaneja.

Por mais fino que seja o fio desta aparência e por mais multicores e agradáveis que sejam suas imagens, tal aparência continuará a não possuir um conteúdo autônomo, nem qualquer significação intrínseca. Com efeito ela reflete algo real, mas é uma realidade cuja medida jamais pode dar e que nunca é capaz de reproduzir adequadamente. Segundo tal ponto de vista, toda plasmação artística será sempre e necessariamente à retaguarda do original. E, em última instância, é atingida por este veredicto não só a cópia de todo modelo dado sensorialmente, mas também, tudo o que se conhece como idealização, maneira ou estilo, pois a própria idealização, medida pela simples “verdade” daquilo que se quer representar, não passa de distorção subjetiva e desfiguração (CASSIRER, 2003, p. 20).

Mesmo na literatura, entretanto, é provável que, devido à busca da construção coesa da aparência do real, “os grandes espaços abertos sempre exerceram poderosa atração sobre a mente humana, que vê neles a possibilidade de uma travessia, cheia de riscos, com oportunidade de testar os limites humanos” (SILVA, 1998 *apud* ALENCAR, 2000, p. 245). Tal fato esclarece, por exemplo, o eixo histórico e sociolinguístico de existência da palavra-imagem *sertão* no Brasil, a qual povoa o imaginário dos indivíduos com validade representacional e real capaz de suscitar a (re)criação de narrativas e/ou descrições, também pela via literária, daquilo que se

encobria de mistério e de fantasia, no âmago dos discursos pretéritos sobre os cantos do interior brasileiro.

2. Contornos da palavra-imagem

A inserção do sujeito no mundo de conceitos da palavra tem sido uma exigência individual e coletiva: é questão de sobrevivência das representações humanas, especialmente, em um tempo e espaço determinados. Por isso, tanto as representações temporais, quanto as territoriais, pela dimensão simbólico-real de ambas, possuem uma ampla função na constituição das imagens que se têm do sertão.

De modo mais restrito, o tempo se destaca na configuração da palavra-imagem, conforme Souza (2000, p. 762), pelo “significado dos atos e situações sociais que são vinculados ao contexto temporal, já que os atos sociais podem ter diferentes significados em diferentes períodos de tempo”. Também no sertão, a experiência vivida evoca no sujeito a necessidade de interação e profusão de sentidos no mundo que ele próprio criou e difundiu pelos espaços.

Mas, compartilhar impressões e/ou práticas de vida requer, basicamente, a criação uma cadeia de relações para o ciclo de ressignificação que a palavra – ou o signo – perpetua nas realidades imediatas da vivência, afinal,

Todo signo esconde em si o estigma da mediação, o que obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar. Assim, os sons da linguagem se esforçam para “expressar” o acontecer objetivo e subjetivo, o mundo “interno” e “externo”; mas o que retêm não são a vida e a plenitude individual da própria existência, mas apenas uma abreviatura morta. Toda essa “denotação” que pretende dar às palavras faladas, não vai, na verdade, além da simples “alusão”, alusão que deve parecer mesquinha e vazia diante da concreta multiplicidade e totalidade da percepção real (CASSIRER, 2003, p. 20-21).

O mundo encontra abrigo em nossa língua, que o gera e regenera no cotidiano, a fim de conferir um significado específico para o que cada grupo social tem formatado como prática cultural e sócio-histórica. Na verdade, a construção e desconstrução de mundos normatiza e somatiza o campo dos significados retidos nas palavras. Em análise, vale destacar que as ações do homem são postuladas para converter outros pressupostos de ação a partir de um sentido pré-existente, que é sempre reelaborado e reafirmado por normas preestabelecidas, dinâmica e ciclicamente.

Então, as coisas não podem fazer mais do que demonstrar que nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação, porque “se formos discernir na linguagem a constituição do objeto, só poderemos constatar que ele se encontra apenas no nível do conceito” (LACAN, 1996, p. 501). A palavra e seu(s) significado(s), evidentemente, são manifestos na história, na sociedade, na cultura, nos hábitos, nas representações de um povo e, também, no silêncio de versos que ecoam evocações e reminiscências em frestas atemporais.

Por esta via, toma-se o sertão-expressão como forma assumida por meio de características de significância emergidas dos contornos sócio-culturais brasileiros. Os elementos denotativos da interpretação analítica deste elemento nacional, em geral, compunham modos de pensar o espaço do Brasil, especialmente na palavra literária, enquanto território¹² que restringia a matéria-prima sertaneja à aridez, ao despovoamento, à travessia.

No Brasil, do período colonial, a palavra *sertão* tem sido usada para fazer referência a áreas as mais diversas, pois seu enunciado depende do *locus* de onde fala o enunciante. Assim, sertão podia se referir, no período colonial (e até hoje), as áreas tão distintas e imprecisas do interior de São Paulo, da Bahia, a região amazônica, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, além do sertão nordestino [...]. Com baixa densidade populacional e, em alguns lugares, pela aridez da vegetação e do clima, o sertão assinala a fronteira entre dois mundos, o atrasado e o civilizado (ALENCAR, 2000, p. 243).

Galvão (2001 *apud* BOLLE, 2004, p. 48), entretanto, através de suas pesquisas sobre a terminologia sertão, torna-se eixo para exprimir uma posição sobre a etimologia do sertão, na qual este *locus* não assume uma gênese precisamente brasileira.

A palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. [...] Nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim com a de ‘interior’, de distante da costa: por isso, o sertão pode até ser formado por florestas, contato que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais freqüentemente com *c* (*certam e certão*) [...] do que com *s*. [Gustavo Barroso] vai encontrar a etimologia correta no *Dicionário da Língua Bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete *mulcetão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de ‘mato’, sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois se ampliando para ‘mato longe da costa’. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo trouxeram-na para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário (grifo do autor).

Em Neves (2003, p. 154), por este mesmo percurso, procurou-se evidenciar os contornos semânticos da palavra sertão por suas referências espaciais e categorias sócio-

culturais, pois para este autor “não há palavra mais vinculada à História do Brasil” do que o substantivo-verbo-adjetivo “sertão”.

Filólogos contemporâneos atribuem étimo controvertido ou obscuro à palavra “sertão”, derivada do vocábulo latino *desertanu*, de genealogia pouco conhecida. Para todos, significa região agreste, despovoada, lugar recôndito, distante do litoral, mas não necessariamente árido; terra e povoação do interior; enfim, o interior do país (CUNHA, 1997; FERREIRA, 1986; HOUAISS, 2001). Desde os primórdios coloniais, empregavam-se para denominar interior, como se vê nos textos uniformes das cartas de doação das capitanias hereditárias, de 1534, quando D. João III doou “dez léguas de terra ao longo da costa”, da respectiva fração territorial e administrativa colonial, a cada capitão donatário, facultando-lhes avançar “pelo sertão”, tanto quanto pudessem entrar (SILVA, 1925). Durante a ocupação e povoamento da América portuguesa, “sertão” expressou fronteira da colonização, campo de atividades bandeirantes, lugar onde se procuravam minérios e guerreavam-se contra os índios, degolando os homens e escravizando mulheres e crianças (grifo do autor).

A temática “sertão na literatura”, tratada por Vicentini (1998, p. 44), ao apontar a amplitude etimológica e/ou semântica assumida pelo termo – disposto pelo olhar do “escritor fingido de sertanejo” - expande-se no sentido de apresentar tal signo enquanto detentor de vasta gama de significados.

A etimologia da palavra sertão pode nos dar a primeira pista para entender a história de colonização. É ainda Giberto M. Teles quem nos diz: *De-Sertum*, supino de *desere*, significa “o que sai da fileira”, e passou à linguagem militar para indicar o que deserta, o que sai da ordem, o que desaparece. Daí o substantivo *desertanum* para indicar o lugar desconhecido onde ia o desertor, facilitando a oposição lugar certo e lugar incerto, desconhecido e, figuradamente, impenetrável. Observa ainda o crítico que o adjetivo *certum* através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou em português arcaico, *certão*, pode haver contagiado a significação (não a forma) de *desertanum* como “lugar incerto”, sertão, vocábulo que aponta sempre para um sítio oposto e distante de quem está falando. [...] A formulação da primeira oposição básica estruturante do sertão brasileiro, a oposição litoral/sertão, a partir do ponto de vista do mar, pode explicar o sentido popular segundo o qual o sertão é outro lugar, ou o lugar do outro (grifos da autora).

Diante do exposto, fica notório que, desde o colonizador, os espaços territoriais de nossa Nação têm sido impregnados de sentidos alegóricos (simbólicos), sociais e político-econômicos.¹³ E o sertão, nesse tocante, foi se limitando (e sendo limitado) ao interior vazio e ao distante da “civilização”, onde o mítico e os perigos e, antologicamente, a liberdade e as belezas naturais, se assinalavam. Assim, desde os sertões do Brasil, apresentados em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa,¹⁴ tem-se pistas sobre o estado dicotômico desse termo.

Logo, configurar dados sobre esse sertão cerradino, ermo ou interiorano, requer exposição do que há de mais intenso e complexo, por exemplo, nas terras que denotam goianos, mineiros, mato-grossenses, nordestinos, nortistas, e demais grupos sociais brasileiros, numa cadeia interminável de sentidos. Trata-se de “dissecar” o todo, que é a soma da gente, através do entendimento do sertão retido na palavra.

Ao se saber que o humano é capaz de encerrar em suas práticas e apropriações simbólicas do dia-a-dia, os mais vastos mundos, em forma e essência, torna-se possível entender importância da palavra. Por ela, se codifica, elicia, suscita, sendo (i)materializados valores e signos humanos, pois, no vislumbramento do conjunto social “real ou ficcional”, que são categorias complementares de palavras, são ressignificadas as ações do gesto e da voz.

aqui, onde o sertão começa ¹⁵

Aqui, neste lugar chamado cerrado
 existe o sertão, onde o sem-fim espia o próprio aço
 e afia o corte que não sabe onde termina.
 Aqui é onde as cores de mil e um pássaros
 Roçam com as mãos de leve o mapa de Minas,
 O território verde-marinho de entre monte
 E monte onde qualquer caminho inicia onde ele acaba,
 Porque aqui de recanto algum se parte
 E a parte alguma se chega após andar e andar
 Entre ermos nomes sem rumo como em Goiás à noite.
 Noite de estrelas vagas e sem horas certas.
 Noite sem nortes, sem alma e sem fronteiras.

O sertão, em verso ou prosa, imprime dados para sua compreensão no tocante dos signos e significados que o estruturam. A palavra faz-se uma missionária no sentido de tornar memorável o universo do sujeito que também que é produto/produtor daquilo que denominamos “cultura”, seja pelos sertões ou por outras categorias. Assim, o próprio homem, como empreendedor de práticas culturais – de natureza material ou imaterial -, desencadeia modos de atuação no mundo – “edificação identitária” - através do trabalho de comportar-se como autor-personagem dos próprios enredos.

3. Sertão: uma categoria do “além espaço-tempo” literário

A prática cultural, como via de mão dupla, eterniza (ou não) produtos e valores de mundo. “As regras do tempo social constituem uma ‘linguagem muda’ numa

determinada cultura, porque as regras nem sempre são explícitas, ‘estão no ar’, e são familiares e adequadas ou desconhecidas e erradas” (EZZELL, 2007, p. 42).

O sertão é também uma categoria de pensamento que resulta da soma das práticas ou regras de comportamento que perduram nas/pelas ações do povo. O sertão está no além espaço-tempo, e se faz pensamento (des)construído que resiste às somas de representações humanas repetidas, no hoje, desde outros tempos. O que há, segundo Hobsbawn e Ranger (2002, p.12), é “um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. É assim que são inventadas ou passadas à limpo as tradições.

Está situado o sertão - e as interpretações que o tornam sertão – nos modos transcendentais de atuar pelos espaços de fronteiras geográficas e temporais.¹⁶ É provável que por ser um emaranhado de complexos simbólicos e rituais, que se perpetua por hábitos, é que o sertão se mantenha vivo nos discursos produzidos em (con)textos interligados aos mais variados modos de atuar e experienciar a realidade dos espaços.

Se os textos,¹⁷ produzidos e veiculados pelos homens, são capazes de abarcar seus próprios produtos culturais, o sertão é estado e ação, mutuamente, desfazendo-se em processos (des)contínuos de regeneração. “O comportamento humano é visto como ação simbólica, uma ação que significa, como fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita ou a ressonância na música” (GEERTZ, 1989, p. 8). Comportar-se, então, é expressar a essência textual que não necessariamente está abrigada em homens e em coisas, mas em tempos e lugares pretéritos e presentes.

Por assim dizer, o homem - produtor e produto cultural – “ao comunicar-se, ao aprender e ensinar e ao generalizar a partir de uma cadeia interminável de sentimentos e atitudes, começou a ser capaz de agir como receptor e transmissor, e iniciou a acumulação que é a cultura” (KLUCKHOHN, 1953 *apud* GEERTZ, 1989, p. 46). Reside nos homens a cultura que frutifica dos/nos sertões, que são lugares do pensamento e da constituição de discursos, feitos como textos-produtos, repletos de significados mediados.

Ao possuir definições identitárias, sobretudo, o homem tornou-se distinto, com um seu lugar demarcado no mundo pela unicidade que lhe confere características sócio-históricas, principalmente, o alocando num grupo com práticas específicas de cultura. Então, a análise cultural delega aos homens particularidades e, por consequência, uma classificação (que é bem mais complexa quando falamos de homens e de seus produtos). Para Geertz (1989, p. 10), a tentativa de “compreender a cultura de um povo expõe a

sua normalidade sem reduzir sua particularidade”, pois cada representação dos homens virá a gerar novos processos de construção e análise do conhecimento produzido.

Contudo, a cultura tende a se tornar “uma lente através da qual o homem vê o mundo” (BENEDICT, 1972 *apud* LARAIA, 2005, p. 67), pois, de fato, “as lentes da cultura”, via de regra, geram a categorização do sertão, por exemplo, como um elemento cultural. Daí, justificam-se tantos outros aspectos que margeiam o caráter sertanejo das manifestações humanas, vista como deliberações de significados dentro de um “mundo de sentidos”.

A oposição litoral-sertão, por sua vez, que dividiu o Brasil em binômios como progresso-atraso, cidade-campo, riqueza-pobreza, foi fator decisivo na incorporação da produção do pensamento social, especialmente entre escritores e/ou intelectuais, na medida em que se carecia dispor o sertão enquanto categoria além espaço-tempo, constitutivo de identidade cultural. Houve, inclusive, uma empreitada para a busca de ressignificação do sertão e do sertanejo a partir de categorias de análise crítica no campo do pensamento social brasileiro¹⁸ e nas linhas que formatam as histórias que se tem para contar, por vias de palavras.

De modo usual, a literatura demasiadamente buscou-se sistematizar os “cantos do interior” do Brasil, ora como símbolo de identidade e nacionalidade, ora como elementos de júbilo às raízes culturais da Nação e às ‘tradições culturais verdadeiramente brasileiras. O sertão, pela palavra, ganhou muitas faces e, não raro, passou a se consolidar como categoria que conduz a prática humana a reelaboração das dimensões culturais específicas do lugar, do tempo e do homem que habita um determinado sertão do Brasil. Ao ganhar fronteiras, a categorização do imaginário literário, já fez inclusive com que fossem múltiplos e diversos “os sertões”.

Assim é meu sertão¹⁹

A terra encharcada
da água empoçada
nas folhas secas e coivaras caídas,
desprende perfumes de mil essências cozidas
no laboratório
das ramagens.

Paus-d’arco amarelos e ingazeiros retortos
levantam para o céu
a opulência do seu Eu,
ostentando a nova geração de flores e de frutos
que maravilha do clima sazou
e a primavera cheirosa

ofereceu.

E o viajante bisonho pasma ante a exuberância da paisagem,
Exibida na arquitetura nativa:
Casas verdes
De moitas de timbó.

Mas a inclemência de agosto
apresenta em seguida este cenário de mau gosto:
árvores despidas,
fôlhas caídas,
rolando doidamente pelo chão.
Olhos d'água sumindo nas bibocas
sem a gente saber para onde vão...

E a terra ardendo em fogo, a terra quente,
saturada de sol e de calor,
é toda uma fornalha incandescente
a arder nos labirintos das chapadas,
sob a violência ululante
das labaredas,
das queimadas...
[sic]

A literatura²⁰, como um dos instrumentos encarregados, simbolicamente, pelo uso da “palavra”, empenhou-se em apresentar os sertões e sertanejos do Brasil em moldes variados, conforme o contexto e abordagem pretendida na dita realidade ficcional tencionada. O homem que habita o “seu próprio deserto construído”, passou a compor muitos cenários para alicerçar as imagens do “seu sertão”,²¹ com valores e símbolos embutidos na palavra lapidada por intérpretes-autores.

É possível, a partir desse enfoque, compreender a natureza dos olhares que dimensionam a existência de multifacetárias imagens sobre os sertões brasileiros, que por vezes se associam e, também, se diferem. O que há é que, por estar em toda parte, o sertão tornou-se fluído e incontido, pelo menos em campos de palavras.

O *sertão*²² é triste e feio em julho, as queimadas borrando o céu de fumaça, a vegetação já amarelada, crestada pelo sol e pelo fogo, as árvores despidas de suas folhas pelo rigor da seca. Pelos ermos e descampados o vento galopa seu febreiro bafo de morte, arrastando folhas secas, levantando a poeira fina, erguendo-a nos espaços em funis de redemoinhos [sic].

O *sertão*²³ de Canudos é um índice sumariado de fisiografia dos *sertões* do Norte. [...] De fato, a inflexão peninsular, extremada pelo cabo de S. Roque, faz com que para ele convirjam as lindes interiores de seis estados – Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí – que tocam ou demoram poucas léguas. Desse modo é natural que as vicissitudes climáticas daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o terror máximo dos rudes patricios que por ali se agitam – a seca.

E continuava lhe lembrando que gente ruim era a caboclada do *Sertão*²⁴, esse sudeste goiano, indomável e jagunço, de que os peões cá do Sul falam com desprezo [sic].

Terra pobre. Pedaco de terra pedregosa e improdutivo esquecido nos *sertões*²⁵ de Goiaz, encalacrado no vasto município de Porto Nacional. Os raios do sol despencavam livremente sobre ela, torrando-a. Ali as árvores eram poucas e não lhe davam sombra suficiente. No rigor do verão, muita rês que se aventura por aqueles cerrados, escarafunchando pastagem, ficava por ali mesmo espichada, para saciar a fome dos urubus. [...] Alguns sertanejos ainda teimavam em permanecer nesse fim de mundo, aproveitando insignificantes nesgas de terras para cultura, pregadas ao pé dos montes, em áreas devolutas, mas todas sob o domínio de fazendeiros residentes na cidade [sic].

Conheci-a no *sertão*²⁶. Era uma mulata de estatura regular, cheia de corpo, cadeiras largas e braços grossos. Tremiam-lhe as nádegas a seu passo forte. Trazia sempre à cabeça um lenço de côr, atado junto à nuca, deixando pender as duas pontas, que substituíam as tranças. Ostentava invariavelmente o colo de nhambu, descoberto, aparecendo os seios duros, saltitantes, presos no bico pela renda da camisa alva [sic].

E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucuia, do tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do *sertão*²⁷ sem fim [sic].

O *sertão*²⁸ abria-se naquela manhã de junho festivo, na glória fecunda das ondulações verdes, sombreando aqui pelas restingas das matas, escalonando mais além pelas colinas aprumadas, a varar o céu azul com suas aguilhadas de ouro; batuínas e xenxéns chalravam nas embaúbas digitadas dos grotões; e um sorvo de contentamento errava derredor, no catingueiro roxo dos serrotes, emperolado da orvalhada, a recender acre, e nas abas dos montes e encruzilhadas, onde preás minúsculos e calangos esverdinados retouçavam familiares, ao esplendor crescente do dia. [...] A tarde, um eco dum aboiado rolou pelo fundo da várzea, ondulando dolentemente de quebrada em quebrada, num despertar intenso de saudade... Eram boiadeiros que lá passavam, na estrada batida [sic].

Neste ponto, é bastante interessante atribuir os múltiplos sentidos assumidos pelo “sertão”, particularmente, quando este se perfaz por uma analogia com a celebre expressão contida em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, na qual figura que “o sertão está em toda parte”. Aliás, quando se considera analiticamente uma categoria como o sertão, seja espaço-temporal ou simbolicamente, a amplitude da interação interpretativa deve prevalecer sobre as particularidades do mesmo. Nesse sentido, diz-se que o homem sempre se propôs a emergir de fronteiras para relativizar aquilo que se apresenta de mais dinâmico no seu locus: a cultura.

O sertanejo, por isso, tende a compor-se como figura alegórica, aos moldes da sociedade a qual pertence, com identidade derivada de memórias diversificadas, falares singulares, signos irrestritos, estruturas complexas – físicas e intangíveis – que o “seu

lugar” compreende. Por isso, sendo muitos os sertões, passam também a existir universos irrestritos de representações desses mundos plurais sertanejos.

sertão, sertões²⁹

Aqui é um lugar avulso
que ainda não foi feito,
por isso alguma coisa sempre
continua acontecendo
mesmo quando é meio-dia
o sol é quente e incendeia
almas do mundo e das gentes.
Mesmo quando é mais tarde o dia
e a vida de quem voa
parece parada no ar.

Aqui é um canto esconso
Da esquina do estranho.
Um rumo não trilhado ainda
e aonde o que veio existir de vivo:
o corpo da terra, o mato, os bichos
e as pessoas, existe devagar.

Logo, “podemos dizer que há uma universalidade no homem, que não é dada, mas que é permanentemente construída” no ato, nas escolhas, nas construções conceituais, na palavra proferida. E isso é experimentar conceitos, pela construção de teses direcionadas a compreensão das representações humanas, pelo uso que se faz da palavra cristalizada na fala ou na escrita.

E se os homens sertanejos são elementos figurativos da universalidade dos conceitos do mundo, está aí o postulado que designa à palavra a tarefa elementar de produto e produtor de mundos. O que se entende, é que nem o “verbo” sai ileso às influências das dimensões sócio-histórico-culturais dos mundos paralelos em que coexistem homens, tempos, lugares e símbolos.

Considerações finais

O sertão tem demarcado os traços de identidade cultural dos “cantos do interior” brasileiro. E neste contexto de análise, entende-se que a vasta literatura brasileira sobre o sujeito integrado ao território sertanejo, põe em evidência uma maneira de ser no mundo, enraizada nas formas de se explicar o grupo social, que geralmente são decorrentes da soma de práticas coletivas.

Mas, nesta reflexão, o que se pretende não é dissecar as ações do homem que se propôs a “desvendar” ou “apresentar” os sertões pelo uso da palavra ficcional-real que narra ou declara. Na verdade, é com relevo que se propôs a utilizar um enfoque analítico como instrumento para evidenciar a diversidade que abrange as práticas de interpretar e/ou “ver” os sertões do Brasil, contidos em palavras.

Então, ao se postular o sertão como categoria do espaço público-privado, seria possível ver que nesse território, conforme propôs Certeau,³⁰ “o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de muitas pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo”. Ou, ainda, é possível dizer que, por “cantos do interior”, é ainda possível se usufruir daquilo que é imposto pela palavra que discursa e elucida “verdades”.

Histórias deslembadas do *sertão*, que aquela lua acinzentada e friorenta de inverno, envolta em brumas, lá no céu triste e carregado, insuflava perfeita verossimilhança e vida animada. Pela maioria, contos lúgubres e sanguinolentos, eivados de superstições e terrores, passados sob o clarão embaçado daquela mesma lua acinzentada e friorenta de inverno, no seio aspérrimo das *solidões goianas*. Acorados à sertaneja sob a copa desfolhada do *pouso* – um jatobá gigantesco – “aquestavam” fogo, a pestiscar baforadas grossas dos cigarrões [sic] de palha, *ouvidos atentos ao narrador* (grifo nosso).³¹

Se a unicidade de um espaço-tempo está garantida, ainda, no compêndio simbólico-representativo que a palavra retém e reitera, especialmente pela via literária, é válido propor que nela reside um amplo contexto representacional que, em suas arestas, se expande e se restringe. O sertão, como palavra e tempo-lugar, está exposto aqui como um exemplo do que seja o universo construído no “espaço da palavra”. Afinal, é nesse universo em que há os cantos interioranos das gentes que, por suas práticas, tornam-se ambigualmente íntimas e públicas as histórias plurais difundidas, por palavras-gestos, pelos “cantos” do Brasil.

Referências

ARINOS, Affonso. *Pelo sertão*. Rio de Janeiro: s/e, 1898.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- BERNARDO, João. *Dialéctica da prática e da ideologia*. São Paulo: Cortez; Porto [Portugal] Edições Afrontamento, 1991.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O vento de agosto no pé de ipê: escritos do sertão*. Goiânia: UCG, 2005.
- BRASILIENSE, Eli. *Pium: nos garimpos de Goiás*. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1987.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: cozinhar e morar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ELIS, Bernardo. *O tronco*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.
- EZZELL, Carol. Tempo e Cultura. In: *Scientific American – Brasil: Paradoxos do Tempo*, n. 21, p. 42-53, out. 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.
- MENDONÇA, Carmen Lúcia Freitas de. *Morrinhos na arte de escrever bordando*. Goiânia: UCG, 2004.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MESQUITA, Deise Nancy de Castro. Linguagem, psicanálise, leitura e subjetividade. In: GODOY, Heleno (Ogr.). *Identidades prováveis, representações possíveis*. Goiânia: AGEPEL, 2005.

MONS, Alain. *A metáfora social: imagem, território, comunicação*. Porto, Portugal: Rés Editora, 2000.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. In: *POLITÉIA: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

OLIVEIRA FILHO, Otaviano de. Resistência identitária: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte-mineira no processo histórico de Minas Gerais. *Revista UFG Dossiê Sertões*. Ano VIII, nº 2, p. 38-45, dez. 2006.

OTERO, Leo Godoy. *O caminho das boiadas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1958.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.

PIMENTEL, Sidney Valadares. Pactários da natureza e da cultura. *Revista UFG Dossiê Sertões*. Ano VIII, nº 2, p. 7-12, dez. 2006.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. Goiânia: Ed. UFG: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN*. p. 195-203, 2006.

RONCARI, Luiz. Lugar do sertão. *Revista UFG Dossiê Sertões*. Ano VIII, nº 2, p. 46-53, dez. 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOUZA, Candice Vidal. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: UFG, 1997.

SOUZA, Márcio Ferreira de. O tempo como construção social. In: *Revista Estudos*, v. 27, n. 4, p. 775-770, out./dez. 2000.

TINIANOV, Juri. *O problema da linguagem poética I: o ritmo como elemento construtivo do discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

VALENTE, Giselle Laguardia. História e literatura como espelho da nação. In: *Discursos e Identidade Cultural*. p. 393-397, 2004.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. In: *Sociedade e Cultura*, v. 1, n. 1, p. 41-54, jan./jun. 1998.

_____. Regionalismo literário e sentidos do sertão. In: *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 2, p. 187-196, jul./dez. 2007.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás/UEG-Anápolis (2001), especialista em Literatura Brasileira (2003) e em Metodologia do Ensino Superior/UEG-Anápolis (2005). É mestre em Gestão do Patrimônio Cultural/UCG (2008), onde esteve sob a orientação de Roque de Barros Laraia/UnB-UCG. É mestranda em Antropologia Social/UFG e, paralelamente, doutoranda em Psicologia/UCG, na linha de Análise do Comportamento. Profissionalmente, atua na Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: m.amaral.amaral@gmail.com

² Cf. Mons (2000, p. 120-121), *A metáfora social: imagem, território, comunicação*.

³ “O seu corpo, em que está inscrita uma história, casa-se com a sua função, quer dizer, uma história, uma tradição, que ele nunca viu senão encarnada em corpos ou, melhor, nessas vestes ‘habitadas’ por um certo *habitus* [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 88).

⁴ Sobre a memória individual e coletiva em interfaces com o tempo (a história), ver Halbwachs (2006).

⁵ Cf. Bachelard, *A poética do espaço*, 2005, p. 2. “A imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. [...] Portanto, é quase sempre no inverso da causalidade, na *repercussão*, tão agudamente estudada por Minkowski, que acreditamos encontrar as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética. Nessa repercussão, a imagem poética terá uma sonoridade de ser. O poeta fala no limiar do ser. Assim sendo, para determinarmos o ser de uma imagem teremos de sentir sua repercussão [...]”.

⁶ “O *patrimônio* se destaca dos demais lugares da *memória* uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular, aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder. Mãos que testemunham o passado, o patrimônio é um retrato do presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural, dos bens que materializam e documentam sua presença no fazer histórico da sociedade. O patrimônio não é, porém, uma representação de todos” (RODRIGUES, 2006, p. 195).

⁷ “O grande paradoxo dos indivíduos é o de serem unidades individuais ideologicamente e ao mesmo tempo referirem-se a uma prática fragmentária e dispersa, pela prática das instituições e campos que os percursos atravessam.” (BERNARDO, 1991, p. 66).

⁸ “A noção de cultura popular tem, desde sua origem, uma ambigüidade semântica, devido à polissemia de cada um dos termos que a compõe. Nem todos os autores que recorrem a esta expressão dão a mesma definição ao termo ‘cultura’ e/ou ‘popular’. Desenvolvendo esta idéia, Michel de Certeau (1980) define a cultura popular como a cultura ‘comum’ das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia. [...]. Ela é multiforme e disseminada: ‘ela foge por mil caminhos’.” (CUCHE, 2002, p. 147 *et. seq.*).

⁹ “Chamamos *signo* a combinação do conceito (idéia) e da imagem acústica (representação) [...]; O signo é uma entidade psíquica de duas faces, qual o conceito e a imagem acústica encontram-se intimamente atados, reclamando, convocando um ao outro” (MESQUITA, 2005, p.70 *et. seq.*).

¹⁰ Poema *Confissões de Goiás*, de Alaor Barbosa (2003 *apud* MENDONÇA, 2004, p. 100).

¹¹ Cf. Pêcheux, *Semântica e discurso*, 1988.

¹² Alguns autores tendem a buscar uma delimitação física do sertão. Lê-se em Bolle (2004, p. 50), que “o sertão se estende sobre uma superfície de aproximadamente 2,5 milhões de quilômetros quadrados, do Trópico de Capricórnio até perto do Equador, ou seja, desde o interior do estado de São Paulo, passando por Minas Gerais, Goiás e Bahia até Pernambuco, Piauí e Ceará, e, no sentido leste-oeste, desde a faixa agreste atrás da Mata Atlântica até Mato Grosso adentro. Constituindo assim o ‘interior’, a hinterlândia ou miolo do território brasileiro, entre a velha zona canavieira do Nordeste, as metrópoles do Sudeste e a Floresta Amazônica, o sertão inspirou escritores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa a construir um retrato alegórico do país”.

¹³ “Por sua topografia e vegetação, e pela demanda dos centros urbanos no litoral e dos núcleos de mineração no interior, o sertão foi utilizado economicamente como região de criação extensiva de gado. Daí a formação, por exemplo, do tipo antropológico do vaqueiro, que vive com sua família como dependente dos donos de latifúndios, num estado social de quase servidão” (VICENTINI, 1998, p. 50).

¹⁴ “O cenário de Euclides da Cunha, em *Os Sertões* – a região das caatingas em torno de Monte Santo e Canudos, no norte da Bahia – e de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* – os chapadões e campos gerais no ‘alto brabo Norte’ de Minas Gerais, até o sudoeste da Bahia e o leste de Goiás” (Ibid., p. 50).

¹⁵ Cf. Brandão, *O vento de agosto no pé do ipê*, 2005.

¹⁶ “Em Turner, a concepção de fronteira era o limite entre civilização e barbárie. Em perspectiva oposta, é para Ribeiro limite da civilização. No Brasil, para os próprios membros do que poderíamos chamar provisoriamente de ‘sociedade de fronteira’, a fronteira aparece freqüentemente como o limite do humano. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano” (MARTINS, 1997, p. 162-163).

¹⁷ “*Texto* quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um enlaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia” (BARTHES, 2003 *apud* MESQUITA, 2005, p. 64).

¹⁸ “Construir a nação brasileira significava, para autores como Euclides da Cunha, civilizar o sertão, nacionalizar o litoral: Os Sertões, de 1902, é considerado o marco inicial do pensamento social sobre os sertões brasileiros” (ALENCAR, 2000, p. 247).

¹⁹ O autor do poema é “João Accioli (1912-1990), que nasceu em Piracanjuba/Goiás”. Ressalta-se, ainda, que a escrita fora mantida, sem grifos, para contemplar a estrutura do texto original.

²⁰ “O estudo da arte da palavra traz em si uma dificuldade dupla. Antes de tudo do ponto de vista material com o qual se trabalha, que vem comumente designado como discurso, palavra (intimamente ligada a nossa consciência prática). Em segundo lugar, do ponto de vista do princípio construtivo do discurso (o princípio formativo, de construção)” (TINIANOV, 1975, p. 7-8).

²¹ Para Vicentini (2007, p. 190-192), “em literatura, cenário é lugar, decoração, pintura, paisagem, flora, fauna etc., mas também é *cena*, lugar onde acontecem as *ações* praticadas pela rede dos personagens, lugar de onde se fala, componente concreto da percepção do *tempo* abstrato – a mudança de cenário releva mudança de ação, tempo, mesmo que simultâneo. Enfim, é paradigma social e aspectual. Um cenário, para não pecar também em literatura, deve ser um cenário também social (grifos da autora).

²² Cf. ELIS – nascido em Corumbá de Goiás -, *O Tronco*, p. 61, 1988.

²³ Cf. CUNHA – nascido em Catalango no Rio de Janeiro -, *Os Sertões*, p. 41, 1998.

²⁴ Cf. OTERO – nascido em Morrinhos, interior de Goiás -, *O caminho das boiadas*, p. 87, 1958.

²⁵ Cf. BRASILIENSE – natural de Porto Nacional, em Goiás – *Pium: nos garimpos de Goiás*, p. 15, 1987.

²⁶ Cf. ARINOS - nasceu em Paracatu, interior de Minas Gerais-, *Pelo sertão*, p. 87, 1898.

²⁷ Cf. ROSA – natural de Cordisburgo em Minas Gerais, *Sagarana*, p. 32, 2001.

²⁸ Cf. RAMOS – nasceu na Cidade de Goiás [inicialmente, Vila Boa], *Tropas e Boiadas*, p. 10, 1998.

²⁹ Poema de Brandão (2005, p. 26), contido no livro *Vento de agosto no pé de ipê*.

³⁰ Cf. CERTEAU; GIARD; MAYOL, *A invenção do cotidiano*, 1996, p. 205. “Este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia, revela a personalidade de seu ocupante” (p. 204-205).

³¹ Trecho do conto de Hugo de Carvalho Ramos (1998, p. 37), intitulado *À beira do pouso*, contido no livro “Tropas e Boiadas”.